O fogo frio e as morfologias da evidência

leituras de Fernando Gil

Manuel Silvério Marques

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2598>

DOI: 10.4000/cultura.2598

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2016

Paginação: 75-108

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Manuel Silvério Marques, « O fogo frio e as morfologias da evidência », *Cultura* [Online], vol. 35 | 2016, posto online no dia 27 janeiro 2018, consultado a 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2598> ; DOI : 10.4000/cultura.2598

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

O fogo frio e as morfologias da evidência

leituras de Fernando Gil

Manuel Silvério Marques

Ao João Lobo Antunes, com amizade e admiração

Introdução: definições

“A nossa hipótese é que o brilho da evidência, o seu efeito de verdade, resulta, no âmbito da genealogia sugerida por Husserl, da aplicação do desejo à referência sensorial e linguística. O desejo é uma função de intensificação, de ligação e de transformação; ele assegura uma dupla operação, num só tempo: uma certa experiência do mundo na intersecção dos suportes sensoriais da evidência com a sua interpretação linguística, transforma-se numa inteligibilidade patente e em acto (a luz e a voz do Mestre interior). Esta converte-se ao mesmo tempo numa submissão feliz – a evidência reúne a inteligibilidade num afecto intelectual [...].”¹

- 1 Os dispositivos e a estrutura da evidência, da *notitia intuitiva*, do assentimento, do *insight*, pouco investigados pela ciência, são quase tão opacos como os da consciência.² A evidência é largamente *terra incognita*, por mapear: é traiçoeira desde logo na pragmática e na semântica – o venenoso equívoco com *prova* que ilude tantos aspirantes a médicos-políticos como a “políticos-médicos”.³ Que quis dizer Fernando Gil (FG) com o seu luminoso, zetético e exaustivo *Tratado da Evidência* (TE)? Sendo impossível uma pessoa comum, mesmo velho estudante do pensamento de FG, fazer justiça a um tal texto absolutamente original, de inultrapassável pregnância, aceitar-se-á uma leitura enviesada, de inspiração na problemática da vida, da morfologia, da auto-regulação. FG diagnostica, certo: “a crítica de Heidegger (a Husserl, Kant, etc.) mostra bem como um programa ontológico endurece o transcendental”,⁴ o que por si só faz recuar e qualificar, no tempo histórico, uma sugestão de José Gil (em comunicação, aliás, brilhante), a de que o seu irmão-em-filosofia (e de sangue), no fim da sua vida, se encaminhava para uma ontologia.

“É evidente o que não requer nenhum contributo exterior de convicção [...]. / Uma vez analisada, a evidência do sensível revela-se não certificada; a evidência intelectual está contaminada pelo dogmatismo. [São] Conhecidas [as], aporias – elas atravessam todo o pensamento da representação [...]”⁵

- 2 Identificados e aceites os excessos da evidência, teremos de a distinguir de intuição, percepção, imaginação, imputação, compreensão, etc., e, por outro lado, de a separar de verdade, prova, certeza, convicção, crença (*doxa, pistis*). O fogo, a hora, a tentação da evidência associam-se ao desejo possessivo e compulsivo de verdade *per se nota*, intrusiva e elucidativa. Como explicar a evidência, se o próprio FG mostrou que o sentimento, o pólo afectivo-intelectual da evidência, é infra-explicativo?⁶ É correcto inferir, com Luísa Couto Soares,⁷ que FG se interessou principalmente pela evidência nos campos perceptual e referencial, minimizando a evidência conceptual e emocional, tal como deixou apenas indicada a necessidade de dispositivos de tratamento da informação, ao nível computacional da descrição?⁸ Quais então as boas categorias para pensar a evidência (na nossa língua sinónimo de auto-evidência)? Na minha leitura do TE, começarei por valorizar, nas prestações de auto-evidência, o fundo energético ou dinâmico⁹ (geralmente implícito), aberto mas originariamente modular¹⁰ e subdoxástico.¹¹ Este paralelo arrefecimento ou congelamento da evidência em *protodoxa* significa que “o enraizamento na experiência do sujeito é o que a evidência apresenta de mais próprio e que a distingue imediatamente da conjectura, da indução ou da prova experimental [...] a evidência é uma inteligibilidade dos fundamentos do conhecimento [...]”¹²
- 3 A evidência nasce em estratos profundos do Eu, aquém da consciência de si e da experiência reflexiva, tematizada, do presente; todavia, “A evidência revela-se [...] o modo espontâneo do discurso das sociedades que, na imanência, identificam eficácia e significação”.¹³
- 4 Complementarmente, veremos adiante que a crença alucinatória segundo a análise giliana, desde a sua *Logique du nom*, inibe a espontânea reificação ou “ontologização dos correlatos extralinguísticos” e reforça “a autonomia do discurso como base da presença compulsiva” da evidência [sic].¹⁴ Eis o plano deste trabalho: no cap. 2 navego ao largo da (e)vidência e da crença, avisto (no cap. 3) necessidades, *realiae* e *rebus*, aparelho os operadores da evidência e a seguir cruzo o estreito da representação científica (cap. 4), para aportar, enfim (cap. 5), numa posição sobre evidência moral.

Vidência, crença

- 5 Julgo que esta tematização de FG sai reforçada do confronto com a metafísica analítica de Colin McGinn, em obra de índole e escopo mui diversos, mas concordante em muitos aspectos.¹⁵ Este filósofo fixa os usos representacionais do imaginário cognitivo (e suas estruturas simbólicas e predicativas) através de uma analogia robusta: o “imaginar pode ser comparado com o dizer [*uttering*] uma frase, em oposição ao enunciado ou afirmação [*asserting*] dela”.¹⁶ O sujeito é neutro, *qua* locutor, face ao conteúdo proposicional, no primeiro caso: tal facto mostra que o acto de imaginar não pode ser analisado apenas em termos de crença, ou melhor, na terminologia de FG, de *processo* de crença.¹⁷ Certas diferenças entre ambos devem ser relevadas:
 - (i) “imaginar que p, é uma acção, enquanto acreditar que p não o é! Ou seja, imaginar está submetido ao querer, mas não se crê no que se quer”; “nós não podemos decidir acreditar, tal como não podemos decidir ver; a crença é passiva,

cai fora do domínio da vontade. A crença é um compromisso com a verdade, e esta não pode ser forçada [volicionalmente] a existir [and the truth cannot be willed into being]; (ii) “o imaginar é indiferente à demonstração [evidence], a crença não”; (iii) “as imagens não impedem a ocorrência de perceptos simultâneos, ambos podem coexistir na consciência do sujeito.”¹⁸

- 6 Correlativamente, o acto de imaginar não inibe a crença, uma vez que eu “posso facilmente imaginar que *p*, enquanto creio ou acredito não-*p*”; a crença é o acto de adesão (“*entertaining*”) a um pensamento *p*, e, ainda, o gesto de lhe dar o assentimento ou convicção; a imaginação é que lhe apresenta a possibilidade de *p*. O imaginar está “mais associado” à prestação de atenção do que o acreditar: imaginar requer um acto de atenção, crer é mais disposicional (*dispositional*), crenças são possuídas (ou possuem-nos) e, de muitas, não temos sequer consciência.¹⁹ Resumindo, Colin McGinn adverte que a atitude proposicional de imaginar (por exemplo, sentir medo ou experienciar luto antecipatório ou luto patológico) é mais básica que a atitude proposicional de acreditar, pois esta pressupõe a primeira e não o contrário.²⁰

- 7 No seu TE, FG demonstra, creio, que a auto-evidência é performativa, ostensiva, intransmissível (intransitiva), irrecusável, algo opaca, cognitivamente quente, “epifania” situada (minha designação), que “com-vence” e, por definição, dispensa a prova.²¹ Dir-se-ia pura (re)animação, bergsoniana atenção à vida, animalidade em competição e cooperação pela sobrevivência. Ali e em obras ulteriores, FG reabilita a perspectiva da primeira pessoa como lugar de expressão de *fides* epistémica, autoconfiança (mais ou menos narcísica)²² e vontade de compreensão, mostrando que a “consciência acredita nas coisas”.²³ Revendo a teoria da representação estabelecida em 1984, FG irá, notavelmente, acentuar a oposição entre inteligibilidade representativa e inteligibilidade expressiva, preferindo

“uma expressividade ‘metonímica’, ou seja, respeitosa da identidade de cada coisa, que se sabe não poder restituir-se na sua integralidade, à expressividade metafórica: a metáfora exalta e amplifica as identidades que por isso mesmo acaba por deformar [...]; deve-se em qualquer caso duvidar das virtudes de uma inteligibilidade expressiva ‘ingénua’, tal a exposta em *Mimesis* e *Negação*.”²⁴

- 8 O seu labor reflexivo, se o entendo correctamente, abre as portas à viragem para o naturalismo em filosofia da ciência, antropologia filosófica e epistemologia (não para a hermenêutica, menos do seu agrado por frequente irresolução e “esterilidade” na controvérsia). Interroga, problematiza, mais geralmente, o sujeito epistémico,²⁵ voltando-se para o mundo da vida e para processos e estruturas epistémicas basilares, incluindo relativas ao sentido, ao sentir, ao sentimento, à incerteza, à verificação, à verosimilhança. Sílvia Sousa, no capítulo “Afinidade, construção e estrutura” da sua excelente dissertação sobre *Mimesis e Negação* (orientada por Maria Filomena Molder), lembra que poderá descrever-se a síntese (a nível da sensibilidade e do entendimento, segundo FG) como simples efeito da imaginação. Esta seria suportada/gerada/projectada por afinidades originárias e mecanismos rítmicos que regularizam o caos dos acontecimentos, das qualidades, dos estímulos. Os poderes da afinidade favorecem uma relação inquestionável com a verdade, por entre a proliferação de figuras (*Gestalten*) salientes e pregnantes, desde logo a um nível biológico (pré-linguístico, pré-cognitivo, pré-intencional), permitindo a coesão do mundo com as forças de expressão – estabelecendo a afinidade como matriz da coesão do sistema cognitivo – e do mundo próprio (*Umwelt*).²⁶ Que a “boa” alucinação (a adjectivação é minha), tal como a boa evidência, remete para o campo do

simbólico e da computação e não para o campo da patologia, terá sido uma das “intuições” matriciais de FG.²⁷

- 9 Há século e meio Ernst Mach e há mais de meio século McCulloch, Pitts e colegas refutaram experimentalmente o pré-conceito da natureza caótica dos estímulos sensoriais periféricos – e re-descreveram formalmente aspectos da transformação e codificação dos sinais para os sucessivos analisadores visuais. Descobriu-se a extraordinária capacidade computacional da retina e de outros “receptores”,²⁸ a modulação e calibração por determinantes centrais (da percepção) da generalidade dos órgãos sensoriais periféricos, e a realidade dos sentidos amodal, plurimodal e interno (sensório comum dos Antigos).²⁹ Produzindo conhecimento de trato (*acquaintance*) perceptivo das “coisas”, pré-predicativo, sugerem fortemente a validade da operação triúnica que constitui o núcleo duro do TE e é o meu principal objecto de estudo (vd. Quadro 1).³⁰

- 10 A tese do TE é cristalina:

“Segundo o objecto, o operador e as suas vertentes designam-se diferentemente em cada operação. Na alucinação originária, [...] ele não tem nome, é X; desdobra-se nela em estética pura, desejo e experiência de satisfação. O seu objecto é a tensão que ele reduzirá. A alucinação intelectual produtora de evidência – a operação-A – tem por base o dado linguístico e sensorial (o ‘sentir’), ela manifesta-se como presença compulsiva. A presencialidade reformula a estesia, a compulsão continua o desejo e a experiência de satisfação de X. A operação produtora da evidência dá isto mesmo no modo da mostração e da satisfação do espírito ou, por outras palavras, no modo de uma verdade posta como ‘existente’ (a apodicticidade) e de uma existência enunciando-se como verdadeira (a adequação). Estas operações reduzem-se a uma só, elas fazem-se ao mesmo tempo – fora do tempo –, a sua diferenciação visa delimitar os elementos de uma única e mesma estrutura.”³¹

- 11 Procurando apreender, examinar e interpretar esta proposta, parto de um simples e tosco modelo da crença alucinatória (Quadro 1). Certeiramente, o *corpus* inicial de FG amarra-se

à *monstração* ou *mostração* e não à *representação*, o que, na filosofia da maturidade, o aparta de um Bas van Frassen, entre outros.³² Mas ambos valorizam, singularmente, a alucinação como “fenómeno profundo mesmo a nível sensorial”³³ e, nas palavras de FG, “modo de apresentação de uma existência indeterminada enquanto tal”.³⁴ Não se trata, pois, de miragem meridiana ou alucinação crepuscular, de vidência empírica ou específica da mente ferida e em desvario, possessa, anónima, impessoal, mas de um devir possível do acto de imaginação, afim da imagem onírica e do trabalho do sonho.³⁵ FG, em TE, descobre e elabora genialmente três *trouvailles* pessoais decisivas, três teses “sistémicas” que reflectem as propriedades fundamentais da evidência:

- 12 (i) a evidência coopta a linguagem da alucinação;
- 13 (ii) as descrições (metafísicas, não psicológicas) da evidência e a da alucinação são congruentes, homólogas;
- 14 (iii) outros discursos primordiais – sagrados, míticos, metalinguísticos, proto-legais, (como o juramento) – revelam-se também trabalhados pela alucinação.³⁶
- 15 Sublinho que FG não situa o *fantasma*, a Imago, na origem do Si, do Eu, do *cogito*, nem da crença e não lhe confere o estatuto de essência nem da crença, nem do mito: bem ao contrário (como aliás insiste em *A Convicção*).³⁷ Tese que suscita o problema da animalidade, articulado, advirto, à da *proximalidade* da experiência-em-si: a não-projecção absoluta e coerciva da *vidência animal* impede qualquer operação evidenciária e a constituição/função de germe ou princípio de desenvolvimento de actividades cognitivas diferenciadas, por exemplo, a diferenciação “fina” mesmo/outro, as abstracções virtual/actual e ocasião/duração, enfim, a faculdade de linguagem.³⁸ Ou seja, só pode operar num regime fusional, em si, de inevidência para si. (Cumpriria, porventura, agora, conjugar as gramáticas de inevidência, vidência, evidência, previdência humanas, o que fica muito para lá das minhas capacidades.)

Necessidade, *realia* e *rebus*

- 16 Uma consequência inesperada, nos foros da psicologia humana e da neuropsiquiatria, será, disse-o, a reinserção da alucinação na estrutura habitual e regular da consciência.³⁹ O que acumula ilusões, decepções, enganos, erros, mentiras, ficções e, à uma, possibilita e assegura a existência e sustenta o conhecimento da verdade nas suas diversas feições e máscaras (vd. cap. 5). Correlativamente, suscita uma interrogação seminal giliana⁴⁰ acerca do modo de transformação – a partir da alucinação – do possível em necessidade, do virtual em actual, quiçá, a extracção da lei (natural) a partir das regularidades.
- 17 Esta transformação é um desafio ao qual (dei-me conta do facto, recentemente, quando estudei aspectos da medicina dos séculos XVII e XVIII) a historiografia recente das ciências pré-modernas e modernas respondeu cabalmente, ou seja, desde a bifurcação cartesiana e a passagem da ciência preternatural à ciência baconiana: nos planos interno, local e textual.⁴¹ Assim, para documentar e alargar desde já o escopo dos efeitos dos dispositivos evidenciários “peripatéticos”, e mostrar os efeitos da alucinose pública e/ou do fascínio colectivo (recordo os gabinetes de curiosidades, os museus privados e seus espécimenes maravilhosos naturais, artefactuais, etc.). Destarte caracterizo, nominal e pouco mais que alusivamente, uma pequena amostra de *rebus*, monogramas ou objectos emblemáticos *major* da historiografia e do imaginário das ciências médicas pré-modernas e modernas. Todas inscrevem as forças em formas e figuras perimórficas, sob a

modalidade predominante de representações analógicas e/ou afins, no fâcies e no valor semiótico (como exercício de contraditório, inclui o átomo e o gene no final).⁴²

Quadro 2

<i>Exemplos</i>	Imediaticidade = (não abstracto)	Natural (N) vs Artefactual (A)	Alucinação	Privada (P) vs Colectiva (K)
pneuma	sim	N	NB: não (!)	P e K
calor vital	sim	N	sim (coração: fogo frio)	K
<i>kaulus = falo feminino</i>	sim	N	sim	P e K
arqueu (van Helmont)	não (+ abstracto)	A	sim	P e K
fibra	sim	N	não/sim	K
homúnculo	não	N	sim	K
átomo/ molécula	não (+ abstracto)	A (= limite de N)	sim	K
gene	não (+ abstracto)	A	sim?	K

Um teste historiográfico à pertinência da hipótese do papel da alucinação privada e pública na formação e difusão da representação científica.

NB: a 'base' do *pneuma psychikon* (sopro, bofe, espírito) do galenismo é oposta à do espírito vital (*arqueu*) helmontiano dos órgãos.

- 18 Um efeito maior e bem conhecido foi a vitória da razão instrumental, dos autómatos mecânicos e de um necessitarismo dogmático, como esteios da autoridade dos discursos da Natureza – na filosofia natural, nas ciências modernas e nas contemporâneas, incluindo na biomedicina (perdoe-se o anacronismo). Parece-me razoável aceitar o princípio da continuidade entre alucinação privada (e a imaginação) e alucinação colectiva (*grosso modo* o imaginário – arquétipo, estereótipo, fetiche, imagem pública, ícone social, mito, etc.), designadamente a partir das três linhas programáticas gilianas acima mencionadas (no fim do cap. 2, p. 7).⁴³ Não basta, por conseguinte, replicar as arqueologias e genealogias deslumbrantes de Foucault,⁴⁴ nem afirmar, com Claire Salomon-Bayet (na sua pioneira história social e local da “biologia barroca” na Académie Royale des Sciences), que “existe ciência quando esta se especifica não num objecto mas num *determinado tipo de operação*, reprodutível, que se chama experiência”.⁴⁵
- 19 O núcleo duro – ponto forte ou *locus minor resistentiae*? – da teoria de FG está, por conseguinte, surpreendentemente, na hipótese, mundana e empiricamente testável, do âmago alucinatório da crença:
- “A crença alucinatória recorre permanentemente ao testemunho indubitável dos sentidos. [...] é marcada (*index sui*), ela *impõe-se* e dispensa a prova (*index veri*), ela remete intrinsecamente para o sensível, sob as suas diferentes modalidades (todos os sentidos são susceptíveis de alucinar). [...] Ao mesmo tempo que a produz, a alucinação reúne a significação da evidência (a atenção, a ostensão, etc.) num vivido único, a saber, um sentimento de inteligibilidade de que a satisfação do espírito é a pedra-de-toque. Este sentimento é a evidência propriamente dita [...]”⁴⁶
- 20 Respirando uma atmosfera vienense, em proposições acutilantes, FG interroga-se outrossim, no TE, inevitavelmente, acerca da verosimilitude, da verificação, da constatação e da convicção científica e epistémica, deixando por fechar a questão de saber

em que condições a alucinação, que é da ordem do possível, “parece transformar-se em necessidade”, em legalidade.⁴⁷ Que esta passagem não é anódina e estéril, teórica e empiricamente, demonstra-o o robusto “sistema” giliano de categorias genealógicas e disciplinas matriciais dos *possibilia* e da sua “ordem *mobilis*” na construção aberta, polémica, cumulativa, das metodologias, das provas, das heterodoxias e das controvérsias nas ciências da complexidade e do “impreciso” (e nas disciplinas prudenciais?) no Ocidente.⁴⁸

- 21 Em conclusão: FG oferece-nos uma explicação causal da evidência centrada em mecanismos alucinatórios que a nível funcional ou computacional – quero dizer, neurológico – são endógenos, espontâneos e, conjecturo, predominantemente *top down*.
- 22 Designo, para uso doméstico, uma fase do trabalho da alucinação, evidência perioral ou perimórfica (por razões que se tornarão óbvias no capítulo seguinte); à outra fase ultra-estável, verbal, actancial ou agencial, chamo fase perifrástica. Seria óptimo saber quais das operações e dos *objectos* -1 e -2 elaborados pela máquina evidenciária (Quadro 1), são efectivamente abertos, não-marcados, não-saturados, disponíveis⁴⁹ – e modulares, encapsulados, endógenos, autónomos. Ficarão, por enquanto, por determinar os princípios que seguem, que processos cognitivos representam/projectam, que computações efectuam, etc., para decidir se X-A-E realizam principalmente, total ou parcialmente, funções isotrópicas (na terminologia de Jerry Fodor)⁵⁰ e atitudes proposicionais (sub)doxásticas.
- 23 Um quesito – e um efeito – deste modelo da evidência, e uma realidade incontornável, é o seguinte: “[o] *individual possui um poder de fascinação por onde passa a função de apresentação, ele é o ‘substrato da conceptualidade da evidência’*”.⁵¹
- 24 A contradição é insanável: não sendo viável uma ciência do indivíduo, a medicina (como toda a ciência em geral) vai depender cada vez mais de provas estatísticas (mas não só) cegas ao indivíduo.⁵² Súbita e inesperadamente, quer a física, quer a metafísica, descobrirão, após Popper, a validade de uma doutrina vicariante “clauswitziana” da experimentação e da prova: “*experimentation is continuation of theory by other means*”.⁵³

Rumo aos operadores

1. Reflexo de sucção e alucinação

- 25 Dando por estabelecida pelas neurociências a existência ou realidade psicológica de processos sensoriais plurimodais e amodais correspondentes ao(s) sentido(s) interno(s) e ao sentimento de existir (e não de existência),⁵⁴ concentro-me nesta secção, na segunda das duas perguntas fundamentais de FG no TE: (i) como é que a consciência sente, vive e unifica a sua experiência sensorial e verbal?; (ii) como é que a inteligibilidade da evidência, ou seja, esta espécie de sentimento de compreensão (à maneira de William James) se conjuga com a sensibilidade e se converte em *sentimento* de inteligibilidade?⁵⁵
- 26 Investigo de seguida a hipótese giliana de que um (o?) modelo da operação A é filiável na epigenética do reflexo da sucção (um reflexo arcaico que reaparece em quadros demenciais) e no comportamento de amamentação do lactente. A lição de FG é conhecida e Paulo Tunhas subscreve-a: existência e verdade vão uma com a outra: a alucinação (mais eficaz no fundamento-ecrã que na fundação forcluída) desempenha um papel determinante na instauração da verdade e do sujeito; uma pedra-de-toque adequada é a

alucinação do seio da mãe pelo lactente, exprimindo a crença “absoluta na existência”. Esta credulidade vivencial é videncial, adversa ao não-facto, avessa à decepção: a decepção não é originária.⁵⁶ A atracção pelo bom e a repulsa pelo mau sabor e a conduta de sucção do lactente são, efectivamente, primordiais modos de auto-regulação fisiológica e emocional, equilíbrio no meio ambiente, fonte da vinculação, do *holding* e da formação da confiança básica, da oralidade (incorporação, introjecção, etc.), “sede” da depressão anaclítica, e são, de facto, a origem de quase tudo: da apercepção e satisfação nutritiva, da captura da “presa”, do objecto da acção predicativa, de isotopias conformes, da tela do sonho, da edificação da Imago e da relação de objecto, do Si, do Eu ou *Self*, ou não fora “a goela a porta do castelo do corpo” (Quadro 3):⁵⁷

Quadro 3

Boa Mãe: lactação/sucção; bom sabor; vinculação, oralidade

“A goela, porta do castelo do corpo”
Calendário dos Pastores (século XV)

Doce + ... = agradável, nutritivo

Contexto e efeitos da operação alucinatória da evidência:
da epigenética do reflexo da sucção às isotopias nas inscrições
na tela do sonho da boa mãe.

- 27 Com FG, Sílvio Varela Sousa afirma que a representação é absolutamente primitiva, no campo perceptual e no da linguagem;⁵⁸ por outro lado, se nos restringíssemos aos quesitos da computação, ficaríamos numa platitude formulária, a de que uma hipotética existência/essência *em* sintaxe-semântica-léxico bastaria para obter um sistema representativo. Cumpre, no entanto, rejeitar a aporia da representação típica do cepticismo radical, o “cepticismo que ensina a duvidar do próprio ser”.⁵⁹ Ora, a fome de afecto, de contacto, de alimento e, reciprocamente, o amor, o cuidar, o colo, a voz, a lactação, o “dar-o-peito”, o abraço, etc., aí estão para mostrar quão cedo o recém-nascido descobre que a ordem material é mais que mera ordem semiológica (extracção do sinal do ruído, da figura do fundo, da força da forma) pela qual “todas as coisas seriam signos e algoritmos” – que o mundo é mais que imitação, simulacro, ficção e virtualidade sem *gravitas*, sem sabor, sem carne, sem vida: o nome recebe, não dá, mas vem às coisas com e pelos corpos.⁶⁰ Como diz FG, das entranhas, da fortaleza interior: “O gosto e o olfacto veiculam evidências não-cognitivas, [+/-] agradáveis [...]. Quintessenciadas elas encontram-se numa satisfação do espírito que compreende a apropriação do seu objecto.”⁶¹
- 28 O seu modo de evidência é (quase) epidérmico, tangível, simples, imediato, directo... Para o nosso autor, aquiesce-se a proposições mas não a coisas, o que parece não incorrer na

aporia do juízo de semelhança entre representação e representado.⁶² A solução de FG passa pela co-naturalidade através da (re)codificação pelo sistema percepção-linguagem, entre descrições conceptuais – ou explicações – e seus objectos, numa afinidade com a verdade, faculdade inata e obviamente adaptativa (e a circularidade é virtuosa) de ver justo: é o pólo positivo, harmónico, evolutivo, consiliente da mimesis.⁶³

- 29 Para caracterizar um pouco melhor a fase perimórfica, recorro à discussão da génese da *orientação* (e, alusivamente, do espaço interior e do *Outro*) segundo Husserl, proposta por FG. Há indiscutível orientação dos *mamíferos* recém-nascidos para a sucção, para a mamada, etc.; no humano, a escolha objectal, a *boa mãe* é matriz da constituição do sujeito, do objecto (permanente, como dizia Piaget), da *fides*, dos valores básicos e do “resto” desde tempos imemoriais. FG assere que na esfera antepredicativa, na imaginação sensorial (ou subcognitiva),

“as sínteses não são cognitivas, mas recobrem uma ‘tendência afectiva dirigida para o Eu’ que provém dos objectos. [...] A relação com o mundo é à partida uma *erótica* que joga entre o atractivo e a tendência para a ele se entregar. [...] ‘Síntese associativa’ é uma maneira já activa de designar a receptividade à tendência afectiva; a consciência não é nela ‘simplesmente passiva’./ A síntese não é o objecto que não existe ainda senão como virtualidade, solicitação, um *atractor* para uma *orientação* [...]. / Esta atracção indeclinável marca o local de nascimento do estar-no-mundo no sentido de Heidegger [...] E o] alcance da doutrina estende-se aos ‘dados não-sensíveis’”.

- 30 E em nota de pé de página, a inegável, indefectível iluminação de Landgrebe: “*não se pode falar de objecto, no sentido próprio da palavra, no domínio da passividade originária.*”⁶⁴
- 31 Será proveitoso compararmos elementos da composição e do espectro do imaginário segundo McGinn e FG; para abreviar, listo os termos (e limites) das séries, instâncias e/ou processos (implícitos):⁶⁵

Quadro 4

<p>Instâncias e problemas do Imaginário psicológico <i>apud</i> C. McGinn</p> <p>Percepto ... Imagem mnésica > Imaginação sensorial > Imaginação criadora > Devaneio/Sonho > Possibilidade e Negação > Significado > Criatividade</p> <p>Algumas Instâncias e problemas do Imaginário <i>apud</i> F. Gil</p> <p>> Alucinação > Auto-evidência >< Sistema percepção-linguagem >< Passagem ao acto ></p> <p>Imaginação e subjectividade: se ‘não é o sujeito epistemológico que efectua a síntese, mas o corpo’ (Merleau-Ponty), como pode existir concerto, homogeneidade, comensurabilidade, entre corpo e <i>passibilidade</i>, evidência e significado, entre estes e a intersubjectividade?</p>	
---	--

- 32 Verifica-se – ia a dizer fisiologicamente – que as operações da evidência, de acordo com FG, se deixam descrever pela noção global de *passagem ao acto* do Si, constituindo a alucinação a sua modalidade *princeps*.⁶⁶ Sugere-se, assim, a continuidade entre imaginação sensorial e cognitiva (ou criadora), entre alucinação privada e alucinação pública (aqui equivalente a alucinação colectiva), paralelamente à articulação entre dispositivo alucinatório e sistema percepção-linguagem.⁶⁷ O Quadro 2, com a lista de algumas representações históricas (cap. 3), apoia a proposta giliana de um operador alucinatório. Por outro lado reforça a argumentação a favor das passagens entre imagens, mapeamentos e sinopses, escorada na posicionalidade (aqui-agora), e em muito mais, como veremos (eu-aqui-agora).⁶⁸

- 33 O (lugar do) Eu, o sujeito, o agente, o observador (noutro registo: a testemunha, o clínico, o juiz, o naturalista, o experimentador) constituem, notoriamente, determinações contestadas e difíceis de inscrever e de efectivar da autopoisição, da volição e da agência. Irei sugerir que advêm do *acting-out* (e do *acting-in*), ou seja, em primeira aproximação, da passagem ao acto com “descarga” da tensão emocional para fora (*out*) ou para dentro (*in*) do corpo, esta última potencialmente mais patogénica.⁶⁹ Admito que a problemática do *membro-fantasma* e da *dor-fantasma* permita uma revisitação frutuosa de alguns destes problemas e possa ser um convite a mais abertura e a mais humildade, face às feridas narcísicas e aos imperativos de verificação e experimentação objectiva e dialógica.

2. O membro-fantasma

- 34 Seja, para simplificar, o caso extraordinário, relatado há alguns anos pelo neurocientista e clínico V. S. Ramachandran.⁷⁰ (Perdoe-se o tom aparentemente brutal e insensível). Trata-se de um doente com dor-fantasma localizada na mão direita do respectivo membro *amputado* (dor que não está situada, nem é projectada, no coto, como se pensou), neste caso uma dor crónica neuropática e/ou psicogénica refractária aos tratamentos convencionais (incluindo opióides e psicotrópicos) de *crispação*, associada à violência com que os dedos se fincavam na palma da mão inexistente, da mão perdida do paciente perfeitamente lúcido e em indescritível sofrimento.⁷¹ Tal classe de algia será uma forma de interpolação, de *filling-in*, exactamente o contrário da “extrapolação” e *filling-out* da apotemnofilia (quadro caracterizado por sensação persistente e intolerável de estranheza e excesso de uma parte sã do corpo, sentida como “má-pertença”, de tal modo que o doente deseja a sua remoção – a mutilação – e cerca de metade dos casos obtém-na):⁷²

Quadro 5 Dor do Membro-Fantasma e *Mirror Box* de Ramachandran

V. S. Ramachandran,
Sci Amer, 1995.

- Dor crónica fantasma: (início c. 24h após a amputação)
~ parestesias do membro “adormecido”; dor neuropática
- interpretação: “mapas corticais”, plasticidade, “esquematismos” da parte orgânica afectada?
 - analogia com fenómenos de interpolação, e contornos subjectivos (Kanizsa); sinestésias
 - comparáveis com a atenção e aprendizagem psicomotora
- Cp.: Sind. de apotemnofilia (= desejo de ser amputado)
- Perguntas:
- Efeitos do Operador X, A e/ou E (de F. Gil)?
 - Relaciona-se com o quadro de “*mismatch aversion*”?
 - Relaciona-se com proto-Eu, ipseidade, falsa consciência?
 - Aproxima-se do *Síndrome de Cotard* ~ apotemnofilia de todo o corpo (+/- agnosia da dor)?

- 35 V. S. Ramachandran utilizou a sua “caixa mágica”, dotada de um espelho vertical que, com arranjo óptico adequado, permitiu posicionar a *imagem* do membro existente na posição do membro ausente, de tal forma que o sistema visual o representou como se ainda funcionasse e a psique o “manipulou” como se fora de carne e osso; também permitiu reproduzir a experiência simultânea de reconhecimento emocional, a *própria* *passionais perceptio*.⁷³ Interessaria aprofundar os mecanismos finos destes fenómenos espectrais estranhíssimos, imaginários (e, no dispositivo da *mirror box*, voluntários): nas

suas dimensões volitiva, afectiva, cognitiva, alucinatória, perceptiva, mnésica, somestésica, sensório-motora, etc.

- 36 O membro-fantasma é um *topos* da filosofia, talvez o mais legitimamente clínico dos filosofemas e fenómenos-limite da auto-afecção. Considera-se que foi introduzido na medicina pelo grande cirurgião francês Ambroise Paré. Comparece notoriamente no póstumo *Traité de l'homme* de Descartes e nos dois ensaios *De Regimine Mentis* (1747 e de 1763) de Hyeronimus Gaubius.⁷⁴ Do ponto de vista “cognitivo”, Collin McGinn, em *The Character of Mind*, obra prenhe de finos *Gedankenexperimente*, aborda a possibilidade de discórdia entre os conteúdos da percepção (de particulares ou individuais) e os estados mentais de crença (expressa em conceitos gerais e atitudes proposicionais), por exemplo, em situações de ilusão ou alucinação consumadas, como a do membro-fantasma (meu exemplo). O autor adverte que tais factos implicam, “talvez surpreendentemente, que podemos estar errados acerca do conteúdo dos nossos próprios pensamentos”.⁷⁵ É, porém, a perspectiva do sentir e do sentimento (de si) que me interessa. Psiquiatras eminentes como Barahona Fernandes, fenomenólogos da estirpe de Michel Henry, defendem a união scheleriana dos quatro níveis do sentimento – sensorial, vital, anímico e espiritual – e atribuem “a essência da afectividade à desvelação imanente do sentimento” ou a auto-afecção (Henry).⁷⁶ Convém acentuar a pluridimensionalidade do sentir e/ou do sentimento. – Porque o ser/estar originário da dor não contém em si mesmo qualquer extensão “coisista”, qualquer exterioridade (como notou Hannah Arendt, com aguda perspicácia); é absoluta e radical ipseidade. Esta ipseidade exprime, na leitura de Michel Henry, “uma lei de essência” da automanifestação (da auto-evidência, ia a dizer), “a contingência da relação que existe entre o sentimento e o ser/estar orgânico que serve de substrato à sua constituição”.⁷⁷ Henry, subtilmente, puxou a relação scheleriana permanente do sentimento ao Eu (*Je*) em direcção a um *status* anónimo, não-egóico: a ipseidade, o proto-Si ou proto-Eu (nas terminologias de A. Damásio e FG).⁷⁸ Sugiro que o contributo essencial do proto-Eu, do Si, para a inscrição dos sentires (nas imagens, nas apercepções, nos afectos, nos conceitos, nas modalidades) é a dupla determinação centrífuga como *index sui* (o membro-fantasma existe virtualmente, recupera a forma imaterial *in situ*) e como *index veri* (em si, para si, volta a ser *próprio* e como tal sujeito de *conatus*, sensibilidade, vontade). Como compreender que com uma *mirror box*, o paciente cheio de dores consiga, com lentes apropriadas (e, *nb*, exercício e esforço mental)⁷⁹, manipular, variar a dimensão do “fantasma”; como pode abolir gradualmente a dor que o paciente sente, sem “postular qualquer coisa” como a dupla aspectualidade? A resolução da dor-fantasma e a abertura da mão crispada ocorreriam se o movimento da mão fosse passivo, não voluntário? O membro-fantasma, a dor-fantasma, poderia constituir um modo de falsa consciência (falsa conscientização ou falsa mentalização) ou simetricamente de re-agenciamento, de... “re-incarnação”?
- 37 Finalmente, duas implicações (e especulações) inesperadas. A primeira remete para as neurociências cognitivas. Fernando Gil, defendeu de modo convincente, que o “[...] *estrato transcendental tem equivalentes neurológicos, [e] tem também uma componente linguística, o sistema das vozes*”.⁸⁰
- 38 A transmissão do *momentum* da alucinação, da imaginação, do pré- ou não-consciente, como operadores seminais (ia a dizer *absolutos*) da evidência perimórfica (concreta) para a perifrástica, significa que

“A operação-A conduz à *apresentação do inteligível*. Numa duplicação do mesmo movimento, a dis-posição inaugural da atenção, a posição da ostensão, a ex-posição

da intuição, a im-posição do discurso unificam-se num *sentimento de inteligibilidade plena*. O absoluto que resolvemos associar à temporalidade – a intuição apreende-o também e a atenção inflama-se – é o próprio vivido da evidência, efeito de uma outra operação ('E'). A presença compulsiva de cada elemento amplia-se numa monstração que é também compreensão, verdade 'em pessoa'.”⁸¹

- 39 Não é demais sublinhar as duplicações da operação A. Pode então afirmar-se, sem outras condições, que o sentir é uma possibilidade, uma disposição, permanente da consciência.⁸² Sem reciprocção.
- 40 A segunda consequência mais pregnante – mas também mais misteriosa – é a inscrição, a incorporação dos processos do operador alucinatório no sistema percepção-linguagem.⁸³ É fácil enunciar uma *desdiferenciação* seminal: o sistema percepção-linguagem, a fase perifrástica, circular e ciclicamente “*não alucina os seus objectos [...]. A linguagem exhibe uma categorialidade interna que não se poderia separar do pensamento, ela apresenta-se a si própria como uma evidência [...]*”.⁸⁴
- 41 Em resumo: a justificação desta “transição de fase” perifrástica, isto é, do uso do *sistema de vozes*, está implicada e pode ser tentativamente entrevista (dito de modo mais “dogmático” que “programático”; a escassez de espaço o impõe) através de determinações, propriedades e patologias “da consciência” (da autoconsciência) que vão da comum (des) orientação (que é disposicional, desenhando um “campo de percepções potenciais”) até formas clínicas frequentes de (in)consciência “segmentar” como a anosognosia, a apotemnofilia, o *blindsight* e o *neglect* (excluo os mais “vulgares” e mais bem conhecidos quadros sincopais, as fases da anestesia, as confusões mentais, as afasias, as demências e os estados de coma). O que dá mais licitude e força à sugestão, antes registada, de FG de que
- “[o] estrato transcendental tem equivalentes neurológicos, e tem também uma contrapartida linguística: o sistema das vozes [...]./ “Como a orientação se modaliza nos sentidos, assim também as vozes se realizam na proposição, de que não podem ser isoladas. [...] Tudo aproxima voz e orientação. Aquelas são activas e passivas, esta é actividade e passividade. A orientação condiciona o funcionamento dos sentidos; as vozes dão forma à proposição, que é activa ou passiva. A orientação implica a totalidade do corpo, as vozes investem também a proposição no seu todo, e recobrem a sintaxe dos modos, tempos e aspectos.”
- 42 Esta singular posição é apoiada, creio, pela dedução de C. McGinn.⁸⁵ O argumento de FG continua pela observação cuidada da auto-afecção *sub specie* linguística (citando Benveniste); abreviando uma extensa e bela descrição, o saudoso mestre reconhece na relação agente-paciente o universal subjacente ao sistema das vozes, com efeitos na escala da *deixis*.

3. Acerca da evidência: o operador X

- 43 Creio estar autorizado a reformular, com FG, o sistema “X-A-E”, de operações ou inscrições da pré-intencionalidade da consciência imaginativa, figurativa e discursiva, no fogofrio do sentimento de inteligibilidade. O impressionante primeiro capítulo do TE estabelece três eixos em que cristaliza a autodoação em-pessoa-aí da evidência (à maneira de Husserl): (i) metáforas da orientação, (ii) activo/passivo, e (iii) pureza, vivacidade e brilho. Nesse espaço substrato, nesse “aquário”, se distribuem os subprocessos evidenciários, imaginários, identitários *qua* consciência anónima, pré-egóica, pré-verbal e pré-narrativa: esta fase perimórfica comuta com a linguagem através do nome próprio, da

escala deíctica, dos indexicais, etc.,⁸⁶ nos discursos (*de bona fide*, verdadeiros, não-heteronómicos, etc.), na conjugação perifrástica – verbos (psicológicos) que adquirem novo sentido, pela transferência e infinitividade de um *lekton* actancial, de acção (duração, +/- agência, acto, activo/passivo, im/perfectividade, fecho ou “closure”, etc.). Em suma: considero incontornável, consistente e robusta a inovadora síntese giliana da “morfogénese” dos dispositivos evidenciários e a correspondente “intuição” seminal: a boa alucinação originária (logo, o primeiro elo de uma cadeia energética mnésico-motivacional e, ao mesmo tempo, icónica) desponta interiormente de um operador X, cuja estrutura “*não significante [...] é uma forma vazia e uma força nua – não a reveste de um coeficiente de ilusão; ela [tal estrutura aberta, por defeito] é, pelo contrário, a condição da sua operatividade [...]*”.⁸⁷

- 44 Disse antes, com Paulo Tunhas, que o “individual possui um poder de fascinação por onde passa a função de apresentação”, ele é o ‘substrato da conceptualidade da evidência’, ‘o atrator do operador X’”.⁸⁸ Este X, este operador não-marcado, indiferenciado, recursivo – *ressente*, repassa, retorna, o que é, como funciona? Pode pertencer a um estrato inato, pré-programado, não-empírico ou transcendental? Sobre esta melindrosa formulação devo convidar à leitura das extraordinárias e luminosas páginas de FG acerca da orientação, o estar-dirigido-para: “O sentir da orientação é um sentimento, um simples ‘princípio subjectivo’ que não se faz acompanhar de nenhum indício da sua primazia, lógica ou ontogénica”⁸⁹ – lugar onde o filósofo português vai desconstruindo de caminho, cuidadosamente, com pinças, o *Dasein* do filósofo da Floresta Negra.
- 45 Em suma, as neurociências parecem suportar a articulação de três asserções de FG, “a consciência acredita nas coisas”, “a percepção apreende” e “a imaginação inventa formas” com estoutira: a computação neuronal engendra, codifica, transmite e descodifica sinais e padrões (electroquímicos), numa dança ou melopeia de tipos lógicos, conteúdos semânticos e praxias adaptativas, contextualizadas, criativas!⁹⁰ Se sim, não estaremos a enveredar por uma teoria da função neurobiológica de tipo etiológico sobreposta à de tipo disposicional, e a fazê-lo apodicticamente *ad hoc*, sem o trabalho prévio de pesquisa dos mecanismos e factores causais? Poderá, realmente, um estrato transcendental cooptar, alucinar e fazer de e com o *sistema das vozes*, uma competente expressão linguística?⁹¹ E como proverá à sua inscrição em e com a regulação de outras redes disposicionais privadas, na intersubjectividade pública, depois, também susceptível de “sofrer” e gerar mais alucinações?⁹² Acredito que uma resposta principal a algumas destas perguntas passará não apenas pelas neurociências, mas também pelo *debunking* da metafísica descritiva (à la Strawson, FG, C. McGinn), pela crítica do necessário inatismo etológico, modular e abduativo à la Lumsden e Wilson, e por mais “completo” e complexo *neurocognitivismo*.⁹³ A prestação de FG, como a generalidade das epistemologias naturalistas, tentando de modo não-redutor naturalizar (passe o pleonismo) a fenomenologia, aponta para a neuro-etologia, para a co-evolução e para uma espécie de harmonia pré-estabelecida na base da adequação dos dispositivos cognitivos aos objectos (isto é, fundação *a priori* de essência biológica): apenas neste sentido se pode dizer que *nada* mais há por detrás da representação; ou que nada mais está posto nos *mapas* (das projecções sensoriais, motoras, etc., aos mapas cognitivos, propriamente ditos).⁹⁴
- 46 Feita esta passagem pelos arquipélagos da evidência perimórfica e perifrástica, uma brevíssima anotação acerca da *inevidência* do Eu⁹⁵ e da representação científica, a matematização, a axiomatização e o *élan* quantificador, as métricas. Nas ciências modernas e nas contemporâneas após as “terapêuticas” neopositivistas, filósofos como FG

e Bas van Frassen defendem variantes de um realismo estrutural(ista). Partindo da centralidade dos dispositivos representacionais e instrumentais (da alucinação ao mapa, da fotografia ao *rebus* digital),⁹⁶ valorizam diferentemente o lugar das proposições, enunciados e posições *indexicais* e *testemunhais*. Para FG (não esqueçamos a sua formação jurídica), estes últimos ocorrem como não-lugar epistémico fundacional, como *topos* forcluído, em virtude de um efeito *bootstrap*, potenciador, eventualmente manifesto no termo da “fase” evidenciaria perifrástica da alucinação pública na pessoa de *jurados* dos laboratórios científicos: citando Kant, FG e Daniel Rothbart⁹⁷ concluem, independente e correctamente, estou convencido, que as ferramentas, os dispositivos e as engrenagens experimentais incorporam um molde transcendental, uma operação *E*, indicial, pré-quantitativa ou proto-métrica, pré-nomológica.⁹⁸ Ou seja, um sujeito colectivo é reintegrado, à maneira de L. Fleck:

“O sujeito da ciência é toda a gente, o conhecimento quer-se objectivo e racional, e o trabalho da epistemologia consiste em determinar os constrangimentos de objectividade (as descrições e a sua validação) e da racionalidade (o princípio da razão suficiente). Mas o sujeito da cognição sou eu próprio. Se a linguagem é pública, a cognição é privada e respeita à mente. A convicção que acompanha o conhecimento e a prova permanece a única pedra-de-toque de efectividade de ambas [; donde] a inteligibilidade não resulta unicamente de critérios epistemológicos de explicação, ela encaixa-se numa actividade multiforme do espírito, que repousa por sua vez sobre evidências simultaneamente cognitivas e vividas [...]”⁹⁹

47 95

48 96 97

49 98

50 99 100 | **Cultura 35 (2016)**

4.

51 Tendo em atenção estes considerandos gerais, revisitemos o constructo *principal*, metafísico e metapsicológico de FG: a sintaxe da evidência¹⁰⁰ *resolve-se* em dispositivos pobres, vulneráveis; em paisagens epigenéticas com linhas de força (de água) e “charcas” no arquipélago da evidência, onde o poço atractor é *notitia per amore*, não-marcado, pré-intencional, transitivo, aberto, infinitamente performativo.¹⁰¹ Uma das consequências mais vivas (e pacíficas?)¹⁰² da explanação de FG é a de que o *cogito* é mediado por alucinação da *unidade* biográfica.¹⁰³ O mestre de muitos de nós explica que consiste no efeito necessário de um operador do agora, do *instante presente* (*Jetzt-Soeben*);¹⁰⁴ trata-se de um factor seminal da temporalidade que possui a virtude *alucinogénia* de estabelecer a continuidade interrompida da consciência intencional, a continuidade do fluxo,¹⁰⁵ e de criar, em si e para si, coerências, simultaneidades num meio quase caótico (determinístico ou não), gerando intervalos para o (um, único, uno?) campo da consciência. Portanto (se bem entendo, contra a ortodoxia neuropsiquiátrica representada pela teoria da desorganização hierárquica desde H. Jackson a Henry Ey), FG tem legitimidade para afirmar que a alucinação pertence à(s) estrutura(s) da consciência e/ou da cognição.¹⁰⁶

52 Prematura e tristemente desaparecido do nosso convívio, FG não terá tido tempo para se ocupar como desejaria do *modus operandi* da alucinação no sistema percepção-linguagem. Não é fácil fazê-lo, tópico de tal maneira difícil que, volvidos mais de 50 anos de *Estruturas Sintáticas* de Chomsky e *Perception and Language* de Johnson-Laird e Miller, e três ou

quatro decénios de pesquisa teórica e experimental em sistemas recursivos, teorias do desenvolvimento, psicolinguística, neurociências cognitivas, lógica filosófica, etc., as interrogações originais mantêm-se: nomeadamente acerca dos universais, acerca da mente e acerca da teoria da consciência (sujeito, Eu, agente auto-referencial). Desde há muito, sou sensível à seguinte família de argumentos:

(i) a tentativa de “matematizar os estados mentais através de alguma forma de computacionalismo” poderá não ser o caminho, porque a determinação de relações causais entre as redes cerebrais vivas e a actividade mental imporá a subordinação a condições experimentais *ceteribus paribus* – e não se vê como –, com a agravante de que de “pequenas diferenças se podem gerar grandes diferenças”;¹⁰⁷

(ii) a incompetência da visualização e da imaginação *qua* pré-figurações (ou representações, imagens, incluindo imagens ou esquemas motores, de acção) para traduzir e processar negações lógicas e outras operações que a linguagem natural realiza sem esforço (mas com falhas, por exemplo, a dupla negação) reflectese na inexistência de propostas plausíveis de qualquer combinatória de *imagens mentais* capazes de engendrar configurações e estruturas lógicas complexas; apenas – é o conhecido argumento de Jerry Fodor – um “mentalês”, o componente proposicional das frases gramaticais *naturalmente* o conseguirá;¹⁰⁸

(iii) acerca do sujeito e da consciência, parece-me que cabe à medicina, humildemente (a ignorância é ainda grande), lembrar que os controlos biológicos cerebrais (mormente pelo sistema nervoso simpático e pelo sistema endócrino) do equilíbrio do meio interior e do “governo” do corpo e do proto-*Self* supõem a existência de simulações ou modelo internos (por exemplo, da temperatura interna para a homeotermia, da alternância vigília/sono e do sonho, etc.), que surgem nos animais de “sangue quente”; a intersubjectividade exige, a uma escala muito superior, instâncias alucinatórias de “intratável” *causalidade mental aparente* (neurónios espelhos ou *mirror neurons* serão operadores de simulação identitária, agentiva e boa – ou seja, não canibal, não vampiresca do sujeito-outro) que poderão estar na origem da experiência, respectivamente, da vontade¹⁰⁹ e da empatia (“partilha” e compreensão de experiências, perspectivas e atitudes outras).

Conclusão: o sentimento do falso

53 Entre muitas outras falhas, fica por tratar a conjugação osculante, a dupla “metanóia” seminal do TE: como é que a consciência *pode* viver a sua experiência, o sistema das vozes, a sua dupla aspectualidade?; como é que o sentimento de inteligibilidade se *pode* converter em inteligibilidade do sentimento (de evidência)?¹¹⁰ A informada, comprometida e bem firmada argumentação do filósofo português parte da constatação de que a experiência sensorial não é “*rapsódica e encontra-se já sempre interiorizada: ela é sentida [...]. O sentir condensa em si a prova permanente do mundo [...]. Nos termos da gramática do sentir isto significa que o sentir é uma disposição permanente (posse) da consciência [...]*”.¹¹¹

54 No “outro lado” da fita de Moebius, o não-Eu do lado de “fora” é alteridade, contraposição, proposta de *affordances* ao *proprium*, mapeamentos do *Umwelt*, do mundo próprio, solicitações harmónicas do estranhamente familiar do *Mitwelt*. Dir-se-ia que os

paradoxos da ipseidade, da subjectividade, da representação, da indexicalidade, do Eu, das outras mentes, da semiose ilimitada, etc., serão afinal susceptíveis de resolução... (o que talvez nunca venha a acontecer com o problema central da consciência fenomenal e dos *qualia*). A passagem ao acto, o *acting-in* nas estruturas da evidência, estabelece-se em autoridade de primeira pessoa,¹¹² capturando a força de uma fenomenalidade “ingénua”, comum: não determina a verdade nem a veracidade *per se nota* pura e simples.¹¹³

“Figuração, o índice perceptivo, e energia, a tensão, imbricam-se. O desejo exibe-se como figuração material, a passagem ao acto – ao existente – do imaginário; a figuração escreve o desejo, eles dão-se um para o outro e um pelo outro.”¹¹⁴

Quadro 6

Conjecturas: propriedades e estatutos da “mentalização” Especulação a partir de Fodor (1983, 86 s) em modo computacional		
Processos	modulares, “inatos”, encapsulados	isotrópicos, “centrais”, proposicionais
Computação	análise do <i>input</i> (– <i>output</i>)	fixação da crença (doxástica)
Domínio	específico; inconsciente	inespecífico; voluntário
Lesão SNC	patologia focal	patologia multifocal ou geral
Evidência	perimórfica	perifrástica
Exemplos/Hipóteses	módulos sensoriais, motores e gramaticais: imaginação sensorial: pré-lógica?: processos beta-Bion: saber-como: não-Eu: privado	imaginação cognitiva: analogia: lógica: resolução de problemas: entendimento processos alfa-Bion: saberes-que: Eu: público

Para indicar o lado simétrico, correlativo dos fenómenos de somatização, importo o termo *mentalização* da psiquiatria; está implícita a centralidade da acção ou agenciamento; a união cérebro-psyche está assinalada, principalmente nos efeitos de processamento

55 Agora a inteligibilidade do sentimento pode coincidir com a demanda sem fim de contentamento (o sentimento de inteligibilidade), de satisfação – em, com e por – a boa evidência, a justeza (a antecâmara originária do sentimento de justiça, avocando reciprocidade e simetria), sem se amarrar em falsas (de má-fé) titilações “patético-mediáticas”¹¹⁵ ou em catecismos castradores. Com efeito, os operadores da evidência podem engendrar prestações e estruturas sub ou pré-simbólicas (geralmente assentes na oralidade, na captura) e simbólicas, atitudes proposicionais e funções da consciência (e da personalidade), conformando conteúdos afectivos e estados mentais (mostrei alguns exemplos da institucionalização, pelos primeiros modernos, de “ícones” médicos pregnantes). A continuidade funcional entre imaginação sensorial, significado e criatividade, a complementaridade entre o conteúdo procedimental (saber-como) e o declarativo (saber-que), a valsa do em-si com o para-si, o jogo noético-noemático, a dialéctica da “alfa-betação” à maneira de Bion, são pistas que se abrem à especulação, à observação e ao teste da realidade, permitindo problematizar – ainda mais – as condições e os traços da simbolização, conscientização (para empregar o termo afamado de Paulo Freire *et pour cause*) e/ou mentalização.¹¹⁶

56 Em conclusão: por estas razões, após estes exemplos, a actualidade, a importância e a novidade teórica da obra de FG parecem-me estabelecidas. O operador A, a alucinação, é originariamente privada, não é primariamente representacional, antes é juízo evidente que configura uma antecipação, um *filling-in* ou *filling-out* e realiza um *acting-in* (e/ou

acting-out?): é numenal, afirmará FG.¹¹⁷ Trata-se de um mecanismo geral, genérico, canónico, de expectativa, preenchimento, projecção e, se bem sucedido, de objectivação de *default values*, de determinação de categorias vazias: operador não-egológico, anónimo e virtualmente em-pessoa-aí, produz representações de coisas, actos e outras representações não-conscientes ou conscientes (sem limites: ilusões, desejos, fetiches, objectos privados e públicos). Tentei compreender como um *momentum* evidenciário perimórfico (se) injecta, inscreve, intensifica num *momentum* perifrástico, computando e transformando sentires, sentimentos, mensagens, tropos (metáforas, metonímias) no sistema percepção/linguagem, conformando a textura do (se) sentir, do (se) fazer, do agir pré-intencional, pré-cognitivo, mas integrado, imperativo, narrativo, intersubjectivo, total.¹¹⁸ Tal textura é a *tella* viva e verídica do sentimento, da consciência, da crença:¹¹⁹

“A evidência tal como ela se manifesta – como imposição e sinal de verdade, apodicticidade, satisfação do espírito – institui-se sobre estas subestruturas. O sistema percepção-linguagem e a esfera antepredicativa encerram uma intencionalidade pré-constituída, arcaica, por detrás da proto-doxa [...]. A protodoxa exprime o sentir da vida e do mundo; embora inclua este sentir, a evidência reporta-se a uma fé que não é crença na percepção – o que nela se sente é possuído.”¹²⁰

- 57 A sua aplicação vai da experiência individual para lá da ciência. A boa evidência firmasse contra a denegação do real (*déni de la réalité*) associada à ideia de Si fundada no fantasma, na Imago parental e nos Poderes fácticos (substitutos) alimentados em doses maciças pelos Senhores dos ópios do povo.¹²¹ FG, o cultivador do *trivium* e das artes visuais, o estóico cidadão do mundo (que odiava a intriga, a complacência e a mediocridade, obviamente filhas da forclusão do nome do pai), recusava revoltado a esteticização das fraquezas e das fragilidades humanas, reconhecendo, com Cícero – e vivendo-o com frontalidade, lealdade e coragem até ao fim –, que “a crença originária no não-ser é um absurdo”, e que é “impossível acreditar no falso”,¹²² visto que ao “homem repugna mais o sentimento do falso que tudo o mais que é contra a natureza”.¹²³ Pode existir critério de validação deste assentimento fundacional? Há evidência moral? A evidência do bem e do mal, o campo da ética, esteia-se em outra lição giliana: o agir nunca é exaustivamente explicável, os primeiros princípios, as máximas morais, a praxis, em suma, contêm sempre um núcleo de opacidade. (No exercício da medicina clínica, a ética nasce da prática competente, oportuna e correcta, inserida em compassiva, responsável, livre, exigente “*demanda da vida boa e sã, com e para os outros, numa sociedade com justiça independente, capaz, isenta e célere*”, aportuguesando Paul Ricoeur). Isto, que é o principal, é a fractura virtuosa: Fernando Gil viu e legou-nos os necessários instrumentos de crítica, em inéditas *Viagens do Olhar* pelo fatalismo e sebastianismo hiperbólicos de muitos de nós. Contra a fé e a ideologia, ao arripio da evidência e do desejo, sabemos bem que o sol não girou em Fátima nem brilhou em Moscovo, apesar do testemunho das multidões e da vitória dos colectivos. Evidentemente.

- 58 Lapa, Cartaxo, Dezembro de 2015

BIBLIOGRAFIA

- BATESON, Gregory, *Mind and Nature. A Necessary Unity*. UK, Fontana/Collins, 1979/1980.
- BERNARD, Claude, *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*, Paris, Flammarion, 1865/1966.
- BION, Wilfred R., *Éléments de psychanalyse*. Paris, PUF, 1963/1979 (trad. F. Robert).
- CARDOSO, Rui Mota, "Crença e memória" in F. Gil, Pierre Livet, João Pina Cabral (Coords.), *O Processo da Crença*. Lisboa, Gradiva, 2004, pp. 137-140.
- CELLUCCI, Carlo, *Rethinking Logic. Logic in Relation to Mathematics, Evolution and Method*. Dordrecht, Springer, 2013.
- CLAIR, Jean, *Hubris*. Paris, Gallimard, 2012.
- COIMBRA DE MATOS, A. *Mais Amor, Menos Doença. A Psicossomática Revisitada*. Lisboa, Climepsi, 2003.
- DAMÁSIO, António, *O Sentimento de Si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Mira-Sintra, Europa-América, 2000.
- DASTON, L. & GALISON, P., *Objectivité*. Belgique, Les Presses du Réel, 2007/2012.
- EY, Henry, *La Conscience*. Paris, PUF, 1963.
- FLAHAULT, François, *Le Sentiment d'exister*. Paris, Descartes & Cie, 2002.
- FODOR, Jerry A., *The Modularity of Mind*. Cambridge, Massachusetts, MIT, 1983.
- FODOR, Jerry, *The Mind Doesn't Work that Way. The Scope and Limits of Computational Psychology*. Cambridge, Massachusetts, MIT, 2000.
- FOUCAULT, M., *Naissance de la clinique*. Paris, PUF, Quadrigue, 1963/1990.
- GIL, Fernando, *Aproximação Antropológica*. Lisboa, Guimarães Editora, 1961.
- GIL, Fernando, *Mimesis e Negação*. Lisboa, IN-CM, 1984.
- GIL, Fernando, *Tratado da Evidência*. Lisboa, IN-CM, 1995.
- GIL, Fernando, *Modos da Evidência*. Lisboa, IN-CM, 1998a.
- GIL, Fernando, "De l'épistémologie à la philosophie par le laboratoire", in Guesnière & Hartog (Eds.), *Des sciences et des techniques*. Cahiers des Annales, 45, EHESS, 1998: 173-184 (1998b).
- GIL, Fernando, "A ciência tal qual se faz e o problema da objectividade", in Fernando Gil (Coord.), *A Ciência tal qual se faz*. Lisboa, Sá da Costa, 1999, pp. 9-29.
- GIL, Fernando, *A Convicção*. Porto, Campo das Letras, 2003 (trad. A. Cardoso, M. Lança).
- GIL, Fernando, "Em guisa de posfácio: crer, confiar", in F. Gil, P. Livet, João Pina Cabral (Coords.), *O Processo da Crença*. Lisboa Gradiva, 2004, pp. 424-446.
- GIL, Fernando, *Acentos*. Lisboa, IN-CM, 2005.
- GIL, Fernando, "Acaso, necessidade, acção: entre Aristóteles e Verdi" (2006), in Luísa Schmidt, João de Pina Cabral (Eds.), *Ciência e Cidadania. Homenagem a Bento de Jesus Caraça*. Lisboa, ICS, 2008, pp. 247-261.

- GIL, Fernando & MACEDO, Hélder, *Viagens do Olhar. Retrospecção, Visão e Profecia no Renascimento Português*. Porto, Campo das Letras, 1998.
- GIL, José, *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções*. Lisboa, Relógio d'Água, 1996.
- GOTTLIEB, Gilbert, "Probabilistic Epigenesis", *Developmental Science*, 10,1, 2007, pp. 1-11.
- HARDCASTLE, Valerie, *The Myth of Pain*. Cambridge, Massachusetts, MIT, 1999.
- HELLER-ROASEN, D., *The Inner Touch, Archaeology of a Sensation*. New York, Zone Books, 2009.
- HENRY, Michel, *L'Essence de la manifestation*. Paris, PUF, 1963/1990.
- LONGINO, Marga, *The Nature and Nurture of Love. From Imprinting to Attachment in Cold War America*. Chicago, University of Chicago Press, 2013.
- LUMSDEN, Charles J. & WILSON, Edward O. *Genes, Mind and Culture*. New Jersey, World Scientific, 1981/2005 (25th Anniversary ed.).
- MARQUES, Manuel Silvério, "O traço polifónico", *Análise*, 4, 1986, pp. 111-151.
- MARQUES, Manuel Silvério, "O sopro, o múltiplo e a forma", *Análise*, 12, 1989, pp. 61-115.
- MARQUES, Manuel Silvério, "Modularity, mind and brain function. An Essay on Fodor's theory of Mind", F. Gil (Org.), *Controvérsias Científicas e Filosóficas*. Lisboa, Fragmentos, 1990 (orig. 1985), pp. 159-187.
- MARQUES, Manuel Silvério, "Um g para Asclépio. Aproximações à hipótese da passividade originária", *Análise*, 19, 1996, pp. 121-137.
- MARQUES, Manuel Silvério, "Aprendizagem", in *Enciclopédia Einaudi*, 34, IN-CM, 2000, pp. 356-398.
- MARQUES, Manuel Silvério, "A medicina como ciência do indivíduo: Sísifo entre o aberto e o fechado", in A. Cardoso & J. Justo (Eds.), *Sujeito e Passividade*. Lisboa, Colibri, 2003, pp. 77-115.
- MARQUES, Manuel Silvério, "Minando as fundações: três utopias reguladoras da medicina", in AAVV, *A Razão Apaixonada. Homenagem a Fernando Gil*. Lisboa, IN-CM, 2008, pp. 357-417.
- MARQUES, Manuel Silvério, "A febre, a fibra e o espasmo", in AAVV, *Arte Médica e Imagem do Corpo. De Hipócrates ao final do Séc. XVIII*. Lisboa, BNP, 2010, pp. 137-157.
- MARQUES, Manuel Silvério, "Compte-rendu of Bas van Frassen: *Scientific Representation. Paradoxes and Perspectives*." *Philosophia @LISBON*|n. 1, 2011.
- MARQUES, Manuel Silvério, "A pedra parideira e a panaceia universal: Robert Boyle e a constituição da ciência instrumental", 2012, <http://www.leibniz.es/A%20pedra.pdf> (também publicado em *Kairos*, 5, em linha).
- MARQUES, Manuel Silvério, "Uma *clavis universalis* das moléstias na Ilustração: a nosologia e a constituição do alambique pingue", in A. Cardoso, M. Mendonça & M. S. Marques (Eds.), *Natureza, Causalidade e Formas de Corporeidade*. V. N. Famalicão, Húmus, 2016a (em preparação).
- MARQUES, Manuel Silvério, "Força, debilidade e (i)numeracia em *Observações Clínicas* de José Pinto de Azeredo", Estudos (em preparação), in André Lima Nogueira *et alii* (Eds.), José Pinto de Azeredo, *Colecção de Observações Clínicas*, 2016b (em preparação).
- MARQUES, Manuel Silvério, "Organisme, système et sujet en médecine. Mes consultations Giliennes", in R. Beauron & O. Capparos (Eds.), *Logiques de la forme. Hommage à Fernando Gil*. Paris, Classiques Garnier, 2016 (previsto), 2016c.

- MARQUES, Manuel Silvério, “Diante da dor, atrás do choro”, in A. Cardoso & N. Proença (Eds.), *Dor, Sofrimento e Saúde Mental na Arquipatologia de Filipe Montalto*. V. N. Famalicão, Húmus, 2016 (previsto), 2016d.
- MARTIN, A. C. *The Mind in Nature*. Oxford, Oxford University Press, 2008.
- MCGINN, Colin, *The Character of Mind*. Oxford, Oxford University Press, 1982.
- MCGINN, Colin, *Mindsight. Image, Dream and Meaning*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2004.
- MELZACK, R., “Phantom Limbs”, *Sci. Amer.*, April, 1992, pp. 90-96.
- METZINGER, Thomas, *Being Noone. The Self Model Theory of Subjectivity*. Cambridge, Mass., MIT, 2004.
- METZINGER, Thomas, *The Ego Tunnel. The science of the mind, and the myth of the self*. NY, Basic Books, 2009.
- MOSER, May-Britt & MOSER, Edvard I., “Where am I? Where am I going?”. *Sci. Amer.*, January, 2016, pp. 22-29.
- PANKSEPP, Jaak & BIVEN, Lucy, *The Archeology of Mind. Neuroevoluciobary Origins of Human Emotions*. New York, Norton, 2012.
- PRIBRAM, Karl, *Languages of the Brain. Experimental Paradoxes and Principles in Neuropsychology*. New Jersey, Prentice-Hall, 1971.
- RAMACHANDRAN, V.-S., “Memory and the Brain. New Lessons from Old Syndromes”, in Daniel S. Schacter, Elaine Scarry (Eds.), *Memory, Brain and Belief*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2000.
- RAMACHANDRAN, V.-S., *The Tell tale Brain*. London, Random House, Windmill, 2011/2012.
- RAMACHANDRAN, V.-S. & BLACKESLEE, S., *Phantoms in the Brain*. London, Fourth State, 1998/1999.
- RATHER, L. J., *Mind and Body in the Eighteen Century Medicine. A study based on Jerome Gaub's De Regimen Mentis*. London, Wellcome History Medical Library, 1965.
- ROTHBART, Daniel, *Philosophical Instruments. Minds and Tools at Work*. Urbana, University of Illinois Press, 2007.
- RUSSELL, James A. & LEMAY, Ghislaine, “Emotion Concepts”, in M. Lewis & Jeanette M. Havland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions*. 2nd Edition, New York, The Guilford Press, 2000, pp. 491-503.
- SALOMON-BAYET, C., *L'Institution de la science et l'expérience du Vivant*. France, Flammarion, 1978/2008.
- SMITH, C. U. M., “Philosophy's Loss, Neurology's gain. The endeavor of John H.-Jackson”, *Perps. Bio. Med.*, 55, 1, 2012, pp. 81-91.
- SOARES, Maria Luísa Couto, “A estranheza dos nomes”, in Maria Filomena Molder (Org.), *Fernando Gil, Paisagem dos Confins*. Lisboa, Vendaval, 2009, pp. 75-89.
- SOBRINHO, Luís G. & COSTA, António, “Hyperprolactinaemia as a result of Imaturity or Regression. The concept of maternal subroutine”. *Psychoter. Psychosomatics*, 57, 1992, pp. 128-137.
- SOUSA, Sílvio Varela, *Aproximação à Teoria da Imaginação no Pensamento de Fernando Gil*, Dissertação de Mestrado. FCSH/UNL, 2008.
- THAGARD, Paul, *Conceptual Revolutions*. Princeton, Princeton University Press, 1992.

- TUNHAS, Paulo, *O Essencial sobre Fernando Gil*. Lisboa, IN-CM, 2007.
- VAN FRASSEN, Bas C., *Scientific Representation*. Oxford, Oxford University Press, 2008/2010.
- VICEDO, Marga, *The Nature and Nurture of Love. From imprinting to attachment in Cold War America*. Chicago, University of Chicago Press, 2013.
- VINKEN, Pierre, *Icons and Enigmas. Investigations in Art*. Amsterdam, Prometheus, 2014.
- WALL, P., *Pain, The Science of Suffering*. Great Britain, Weinfield, 1999.
- WERBLIN, Frank & BOTOND, Roska, “The movies in our Eyes”, *Sci. Amer.*, April, 2007, pp. 72-79.

NOTAS

1. GIL, Fernando, *Tratado da Evidência*, Lisboa, IN-CM, 1995, 21. Doravante esta obra será referida como TE.
2. O principal operador da evidência é a alucinação, ensina FG. Trata-se aqui do operador alucinatório “nu” e não de uma alucinação vivida, não do estreitamento do espaço-vivido (cp. Henry EY, 1963, 90) e menos ainda da ilusão, delírio ou mito: “Como a evidência, a alucinação é uma questão dos sentidos. O operador alucinação não é um *deus ex machina*. De modo geral, os operadores devem ser ‘comensuráveis’ com os seus objectos para sobre eles terem poder. Os operadores não são objectos, o seu sentido é minimal, eles são também dotados de força. [...] A experiência da alucinação não é uma experiência da significação. As análises de Wilfred Bion ajudam a mostrá-lo, fazendo recuar até esse registo originário postulado por Freud, onde não há motivo para distinguir entre representação de palavra e representação de coisa, sentido e percepção, do mesmo modo que entre figura e desejo, representação e força [...]” (TE, 222). A alucinação, como operador e sub-rotina, antecipa, projecta-se do espaço interior; é bem mais do que uma aparição ou presentificação (em estados de “possessão”, oniróides ou crepusculares da consciência) e difere da percepção sem objecto; ao invés, é o percepto que preenche o oco, o aberto, o molde, o lugar vazio, a solicitação (*affordance*), a protoposição da hipótese, do acto imaginativo ou perceptivo. A alucinação relaciona-se com outras instâncias complexas como ilusão, forclusão (aproximadamente, falsa negação, denegação), evidência negativa, categoria vazia, sentimento de ausência, intuição do nada (Cp. TE, 175 ss).
3. Recorde-se F. GIL, *Modos da Evidência*, Lisboa, IN-CM, 1998, 252: “Toda a prova supõe a definição do seu objecto [...] as definições conceptuais e formais remetem [...] para as definições ostensivas [...] espera-se do testemunho um efeito de ostensão [...]”.
4. TE, 92.
5. TE, 54 ss; ver MARTIN, 2008, 113 – a representação é o uso da representação.
6. TE, 239.
7. SOARES, Maria Luísa Couto, “A paisagem dos nomes”, 2009, 86 ss. A evidência supõe inteligibilidade, vigiância, atenção; delas deriva e delas se *diferencia*, bem como de (tomada de) consciência, de experiência, de apresentação, de presença. Tem uma afinidade dialéctica com a ilusão e pseudoalucinação, o em-si e o para-si e com os pólos sensorial e cognitivo da imaginação (designações estas da “tópica” do imaginário de McGINN, 2004, 159). Se dizer consciência, por oposição a pura vigiância, “é” afirmar Eu, ser, simplicidade, passagem, *ad extra*, discursividade, duração, corrente (fluxo ou campo), globalidade, intenção, protensão, retenção, *logos*, noema, etc., avocar evidência “é” sentir, *insight*, paragem, incorporação, “oralidade”, relação interna, *ad intra* – sem se reduzir a autodoação nem a auto-afecção – é ocasião, situação, assimilação (não-tética); instâncias dos foros do internalismo e do mentalismo que interessaram FG.
8. TE, 239; MARQUES, “Modularity, mind and brain function. An essay on Fodor”, 1990.

9. TE, 23.

10. As emoções básicas (como a cólera, o medo, o prazer, etc.) não parecem a alguns (JOHNSON-LAIRD e OATLEY) constituir as peças elementares dos constructos emocionais; ao contrário, estes obtêm-se perguntando: “Que podemos sentir sem saber porquê?” (What can one feel without knowing why?). Significativamente para RUSSELL e LEMAY (2000, 498, 500f), as categorias emocionais devem ser vistas como sub-rotinas (*scripts*, uma sequência prototípica de subeventos ordenados temporalmente e ligados causalmente) que possuem limites mal definidos e obedecem (por hipótese) a constrangimentos universais – as dimensões bipolares de prazer/desprazer e de activação (*arousal*) ou inactivação; PANKSEPP e BIVEN (2012) identificaram no campo afectivo, como o neurocientista português DAMÁSIO (2000), uma orquestra de “módulos” horizontais e verticais a partir dos *afectos homeostáticos e sensoriais*, designadamente dos sistemas da fome e da sede, do gosto (doce e amargo) e da dor. É oportuno mencionar a confirmação da existência nos vertebrados de módulos (células) cerebrais de “detecção” da posição espacial, orientação (cefálica), exploração e aceleração do movimento, através da formação de *mapas cognitivos* dinâmicos e de sistemas mnésicos tipo *loci* que os capacitam para “governar” a navegação nos respectivos *mundos próprios* (MOSER & MOSER, 2016).

11. Crença subdoxástica, na definição de Jerry FODOR (1983, 84), é, tipicamente, a relação epistémica que um falante tem com a gramática da sua língua natal; as crenças subdoxásticas estão largamente fechadas a, e não integradas com, sistemas de crença a que o sujeito normalmente tem acesso (consciente). Cp. MCGINN, 1982, 36, 65 ff – leal e quase-demolidora crítica do funcionalismo e, portanto, da teoria de Fodor; MARQUES, 2000; uma alternativa bem estruturada e escorada é a de MARTIN, 2008.

12. TE, 69.

13. TE, 25 (discutir, com originalidade, os dispositivos de geração de prova no julgamento por ordálio e na profecia não é defender qualquer espécie de *mentalidade* atávica, nomeadamente pré-lógica).

14. FG diz, peremptoriamente: “A evidência enxerta-se na crença, os seus sinais distintivos como o seu conteúdo (signo, apoditicidade e adequação, preenchimento, contentamento...) têm que ver com a fé” (TE, 19) – das teocracias, sobretudo políticas, só a Ciência, a Literatura e as Artes nos poderão salvar.

15. MCGINN, 2004, 134, 136: “A crença não é o paradigma da atitude proposicional, constituindo a imaginação pálida cópia; pelo contrário, ambas formam os pilares da vida cognitiva. [...] A diferenciação entre imaginação e crença não significa que as duas nunca se combinem. Ocorre aqui uma analogia com o sentimento imaginativo, em que se combinam percepto e imagem? A imaginação pode afectar o modo como as coisas nos parecem (*look*)? Poderá (uma tonalidade, um produto de) a própria imaginação inserir-se no conteúdo da crença? Eu penso que sim – no fenómeno da crença metafórica [...] A imaginação é a faculdade que traz os possíveis à mente; a crença simplesmente marca-os como actuais. Nós representamos a possibilidade por intermédio da faculdade da imaginação, e, depois, a crença consiste em aceitarmos o que foi assim representado [...]”

16. MCGINN, 2004, 131.

17. Compare-se com a aproximação de FG em 2004: o *processo da crença* inclui as seguintes instâncias e/ ou propriedades: “(i) um desejo e uma tenção [*sic*]; (ii) uma relação ligando um sujeito ao conteúdo da crença – variando o grau de adesão suscitada; (iii) uma acção que realiza a tenção. As crenças contêm uma pretensão ao conhecimento e lançam uma ponte entre desejo e acção [...]” (GIL, F., *Acentos*, 2004, 429 ss) e (iv) variam quanto ao grau de investimento do sujeito, à sua fungibilidade e revisibilidade (*Ibidem*, 432 ss).

18. MCGINN, 2004, 132.

19. *Ibidem*, 131-138.

20. *Ibidem*, 137.

21. Estudei esta última (partindo da elaborada e certa teoria da prova de FG) no contexto e nas terríveis condições da descoberta da antissépsia pelo jovem médico Ignaz SEMMELWEIS (nos anos 1844 a 1848, quando ‘interno’ do Hospital Geral de Viena): MARQUES, 2003; GIL, 1998a, 249 ss.
22. Narcisismos de vida ou de morte, investigados pelo psicanalista André Green.
23. TE, 69.
24. GIL, 1998a, xxii; e TE, 232. Podemos encontrar uma aplicação histórica da noção da inversão metonímica em FOUCAULT, 1963/1990, 192 ss; cp. CLAIR (2012, 150) para uma aproximação à mutação metonímica na arte de retratar; sobre uma alucinação colectiva e notável *erro* da “evidência” (do visível) e interpretação na arte europeia, a saber, a forma (geométrica, foliar, “cardíode”) do coração, os belos estudos de VINKEN, 2014, caps. 15-18.
25. DASTON & GALISON, 2008/2010.
26. SOUSA, 2008, 29, 41 (remetendo para GIL, 1984, 91, 222 ff; 2005, 42).
27. FG (TE, 175 n. 103; 226) volta várias vezes às dificuldades da determinação deste operador: o fundamento último da evidência é, de facto, uma alucinação primitiva, “víscero-motora”, mais do que projecção lacaniana: “[...] reúne, pois, as condições negativas de um operador, é um pôr em forma sem significação própria, capaz de ordenar o sentido e de o transformar em realidade. A representação da palavra é nela representação de coisa, a qual não é representação, mas muito simplesmente coisa, pura estesia. O desbaste do sentido faz-se na direcção da exterioridade. Não é no modo do recalçamento – para o interior – que o homem dos lobos ‘nada quer saber’ da castração, ele desrecalca-a, a alucinação representa uma objectivação: na negação, na forclusão, tratava-se sempre de ‘uma questão de fora e de dentro’ [...]”. O principal *operador* da evidência, A, é alucinatório: “[...] como age o operador A? A aplicação apenas poderia residir numa malha mais apertada da descrição, é proibido recuar para trás da evidência já constituída, até atingir o arcaico./ Os operadores da evidência encaixam-se na consciência sem que delas se possam isolar, as suas operações são inextricáveis dos conteúdos de sentido e de conhecimento a que se ‘aplicam’ [...]” (TE, 226); ver MCGINN (2004, 55, 104, *passim*) diverso, e compatível, parece-me, tratamento da alucinação.
28. Sobre a variedade, “formatação”, forma e decodificação das “pequenas percepções” inconscientes retinianas, v WERBLIN, ROSKA, 2007.
29. PRIBRAM, 1971; MARQUES, 1986; HELLER-ROASEN, 2009.
30. O Quadro 1 é uma ‘leitura’ e re-interpretação de TE, 70, 221 (original 1993), FODOR, 1983, 95 (categorias básicas e ostensão), 99 (“a organização neural é o concomitante natural do encapsulamento informacional”), *passim*.
31. TE, 232.
32. TE, 237; VAN FRASSEN, 2008/2010 (impossível fazer aqui o “aproveitamento” desejável desta obra notável e estimulante – inicie o seu estudo em MARQUES, 2011).
33. TE, 237.
34. TE, 223.
35. O capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos* de FREUD é um pilar da teoria de FG.
36. TE, 220-222. Poder-se-ia, conjecturo, acrescentar o discurso médico “originário” hipocrático-galénico (o humoralismo).
37. Cp. FLAHAULT, 2002, 352 ss.
38. Foi em *Mind, an Essay on Human Feeling*, de S. LANGER, que me dei conta, há muitos anos, desta condição.
39. TE, 220 ss. Note-se que excluo inúmeros aspectos do problema árduo da consciência, como o da temporalidade, da duração à qual não temos acesso directo – o trânsito como tal é não-vivido, o sentimento constitutivo da passagem deverá ser postulado (GIL, 2000, 334): X e A ocorrem em processo, em fase de encapsulamento informacional ou computacional (à la FODOR)?

40. TE, 248: “Em que condições a alucinação parece transformar-se em necessidade, a questão fica em aberto.” Com uma orientação mais cognitivista e mentalista, C. McGINN, 2004 ocupa-se de modo genérico, “simples” e interessante de temas semelhantes.
41. Período, após os Descobrimentos, o Renascimento e a Reforma (e a Imprensa), em que proliferaram os portentos e os prodígios, mas também *entes rationis* sólidos desde a fibrila de Glisson, o arconte ou arqueu de Van Helmont, o flogisto de Stahl, a inércia e a gravitação de Newton, etc., e se enraizaram no imaginário dos eruditos e da sociedade (quais figuras de alucinação colectiva), como dispositivos de mediação e, nalguns casos, materiais fundadores da construção (social) da ciência normal (MARQUES 2010; THAGARD, 1992).
42. Estamos, é claro, no território da imaginação científica (THAGARD, 1992; MARQUES, 2016b).
43. Apesar da alegria da rigidez que, com FG e Bachelard, julguei achar no *ethos* científico (MARQUES, 2010).
44. FOUCAULT, 1963/1990.
45. SALOMON-BAYET, 1978/2008, 13.
46. TE, 219.
47. TE, 246 ss: a *constatação* é uma “vivência da evidência por ocasião do conhecimento físico, da sua confirmação empírica”, e constitui “uma verificação ‘estésica’, apresenta a teoria, a sua embraiagem sobre a realidade” e “*põe em evidência* a teoria científica: é uma certa postura da proposição, a sua ostensão como explicação encarnada” (cp. p. 263).
48. “Ordem móvel”, termo de MUSIL (in GIL, F., *Acentos*, 2005, 274; *Quadro* de FG, 2005, 282; 2008, 247- 261 (255) por economia de espaço aqui omitido. FG (2008, 256) qualifica a “espontaneidade que não se confunde [em Aristóteles] com *tó automaton*. Mas LEIBNIZ seria a melhor referência [...]. E a espontaneidade, associada a uma certa concepção da ‘potência’ e da ‘determinação’ [...] seria a boa alternativa ao conflito sem saída entre mecanicismo necessitarista e indeterminação espiritualista. Na sua acepção mais geral – ela possui várias – a ‘determinação’ é o estado de que algo se segue, salvo impedimento” (FG cita o *De Affectibus* do filósofo de Hanover) (cp. MARQUES, 1989).
49. TE, 69.
50. FODOR, 1983, 2000; MARQUES, 1990, 2000.
51. Insiste TUNHAS (2007, 23 ss; *vide* também TE, 254) na sua magnífica *suma*, à qual voltaremos; cp. McGINN, 1982, 36 (assimetria entre sensação e atitude proposicional), 69 (juízo e posse dos conceitos).
52. GIL, 1999, 14 ss (sobre contentamento, expectativa e preenchimento), 93 ss, 123 (“a lógica demonstrativa permanece subjacente ao pensamento do indivíduo”), *passim*.
53. Van FRASSEN, 2008/2010, 112.
54. DAMÁSIO, 2000. A percepção interna não é um vivido, não é ela própria percebida, se bem que seja sentida (cp. TE, 124), quer dizer incarnada, inscrita no *proprium* ou “corpo subjectivo” (designação de Michel Henry); FLAHAULT, 2002, 214 (compromissos e restrições “narrativas” e “marxianas” à explicação neurológica do sentimento de si por DAMÁSIO), 619, 669 *passim*.
55. TE, 76.
56. A ficção da alucinação originária foi sugerida no *Projecto para uma Psicologia Científica* de 1895, por FREUD (TE, 220-230, 228: Uma espécie de orientação inata “do psiquismo elementar, quase orgânico neste estágio, desencadeia um efeito de realidade, e o objecto (alucinado) é percebido, não como a imagem do seio, mas como o próprio seio”; 230: a sua estrutura *não* significante tipifica o operador X, instância organodinâmica, subsimbólica, não predicativa, pré- ou subintencional; TUNHAS, 2007, 17 ss).
57. BION, 1963/1979; GOTTLIEB, 2007. Segundo BOWLBY, convêm duas definições a vinculação (*imprinting*): (i) a primeira e original, de Konrad Lorenz, consiste num padrão de comportamento de tipo mimético-fusional, inato, desencadeado em período crítico, irreversível, supra-individual; (ii) a segunda versão, mais flexível, reporta-se a uma “mera” afiliação e *bonding* da progeneritura

aos progenitores, “cuidadores”, objectos simbólicos, habitats, etc. A tese ‘epigenética’ foi defendida por Mary Ainsworth (questões revisitadas por Marga VICEDO, 2013, 202 ss). Igualmente relevante é a conduta complementar, a *subrotina maternal*: esta implica (nos animais altriciais sobretudo) um repertório funcional *prolactinadependente* que inclui secreção de leite, amamentação, *conduta maternal*, etc. (SOBRINHO & COSTA, 1992, 57). Cp. Berridge and Robinson, 2003, in Baars, Gage (Eds.) *Cognition, Brain and Consciousness. Introduction to Cognitive Neurosciences*. 2007, p. 387.

58. SOUSA, 2008, 24.

59. GIL, F., *A Convicção*, 2003, 40; SOUSA, 2008, 23 ff.

60. GIL, 1984, 46 ff; SOUSA (2008, 25) adverte acerca da segunda grande aporia da representação, a relação representação e representado, que dispensaria a correlação ou correspondência exactas. No materialismo moderno, esta seria obtida através da esclerosada teoria do reflexo, pelo segundo sistema de sinais, “reflectindo” uma semântica natural e seus equivalentes analógicos. Por seu lado, empatia, *insight*, sentimento de inteligibilidade ou compreensão, nada adiantam acerca das condições de possibilidade nem (*per impossibile*) dos conteúdos empíricos da evidência, enquanto as *filosofias da manifestação* e da auto-afecção facilmente auto-iludem ou atraíam, nos planos cognitivo e epistémico (TE, 13, 141).

61. TE, 248 (também 75).

62. Cp. GIL, 1984, 68; SOUSA, 2008, 26.

63. GIL, 1984, 242 ss (sobre a harmonia pré-estabelecida e “amor da evidência”); 34 (refere obras de Kant, Lorenz, Peirce, e poderia provavelmente ‘potenciar’ aspectos da teoria da violência mimética de René Girard).

64. TE, 93-94. O que exige à teoria giliana (diga-se, teoria epistémica) da evidência uma enorme capacidade e “arte de contenção” do *pathos* a um nível mínimo compatível com a (ideia de) razão da apoditicidade e *adequatio*. A filosofia henriana é a apresentação e defesa sistemática da teoria da *passibilidade originária* (MARQUES, 1996: reveja-se a nota 11 e a bibliografia aí mencionada).

65. MCGINN, 2004, 154.

66. Aqui FG cita Bion, demarcando-se de propostas como as de McGinn, van Frassen e Flahault.

67. TE, 94 ss (sobre a continuidade).

68. Cp. GIL, 1998a: cap. 3: a adesão a si, cujo operador é a imaginação (p. 47), o *dur désir de durer* de Éluard (p. 36) e as extraordinárias reflexões, compartilhadas com Hélder Macedo, sobre a invidência do Eu em *As Viagens do Olhar* (1998).

69. MATOS, 2003, 106. Vide MCGINN, 1982, 121 ff – características do *Self* (Eu): simples, monádico, persistente, consciente...

70. Uma aproximação adequada à experiência do membro fantasma, dizem-nos, é a experiência vulgar das disestesias do membro “adormecido” (normalmente por compressão vascular e consequentes isquemia e hipoxia reversível). MELZACK, 1992; RAMACHANDRAN & BLAKESLEE, 1998/1999, cap. 3; RAMACHANDRAN, 2011/2012.

71. WALL, 1999, 50. Notemos que a dor – em especial a dor crónica – é mais do que uma sensação/sentimento de desagrado: como a fome e a sede, a dor é um estado de consciência desagradável (em geral) e o plano de acção a que se associa para inibir ou evacuar (vários grupos neuronais do sistema nervoso segregam endorfinas, canabinóides, etc.) esse estado. É uma complexa fenomenologia: interior, patética, não-extática (de base neuroquímica: recordemos a milenar utilização do álcool, do ópio, da cânabis, etc.); HARDCASTLE, 1999, 128 ss.

72. RAMACHANDRAN, 2011/2012, 255 ss; cp. TE, 68.

73. HELLER-ROASEN, 2009, 171.

74. GAUBIUS *apud* RESCHER, 1965, 77, 147, 203.

75. 75 MCGINN, 1982, 48 ss (também conseguimos dissociar convicção e crença co-referenciais).

76. Veja-se HENRY (1963/1990, 766): “Vê-se na ilusão dos amputados, como um sentido que pareceria decisivo, que o sentimento sensorial (*sentiment sensoriel*) apenas é constituído, ou seja,

representado, na extensão do corpo orgânico: como poderia o sentimento sensorial subsistir se realmente se localizasse (*trouvait*) numa parte do corpo, se o seu ser se identificasse com o ser desta parte, com a porção de extensão que a delimita –, quando essa parte cessa de existir?” E mais adiante, após recordar que Max SCHELER, o grande fenomenologista da corporalidade “situa” a dor-fantasma na imagem mnésica do membro: “[...] O ser da imagem mnemónica do membro amputado é, todavia, por definição e por essência, um ser imaginário, mas a dor sentida pelo indivíduo amputado é, pelo contrário, uma dor real, cujo ser é o ser do sentimento sensorial.”

77. *Ibidem*, 770 ss, 768, respectivamente.

78. *Ibidem*, 779. Conjectura-se que a *patética* da dor, a sua independência do substrato ou da extensão, como diz Henry, é suportada (e projectada) pelos dispositivos descendentes (top-down) centrais e reguladores (inibitórios, moduladores) do córtex, por sistemas endorfinicos, canabinóides, etc., imediatos e mediatos (WALL, 1999, 91 ss; HARDCASTLE, 1999, 162). Daqui que a cirurgia da dor só possa ser efectiva e *definitiva* se “atingir” a consciência reflexiva, o cerne da pessoa (sobretudo a execrada lobotomia frontal extensa).

79. O esforço (chave da fenomenologia do corpo de Maine de Biran) relaciona-se com a abertura – não encapsulamento informacional – do “sistema” ao exercício (*trying*), ao querer, à vontade, à autoconsciência (McGINN, 1982, 85 ss – *basic trying* como teste do acto voluntário; 2004, 150 ss).

80. TE, 98.

81. TE, 237. (Duplicação que convém com a dualidade da aspectualidade, segundo Brian O’Shaughnessy).

82. TE, 69.

83. TE, 231 (Ray Jackendoff é um dos mais esclarecidos investigadores deste campo numa perspectiva multidisciplinar e integrada).

84. *Ibidem*; FODOR, 1983.

85. TE, cap. 2.

86. Acerca da *deixis*: TE, 75, 123, *passim*.

87. TE, 230. A associação fisiológica mnésico-motivacional foi a grande descoberta neuropsicológica de FREUD (em 1895, no *Projecto*).

88. TUNHAS, 2007, 23 ss (conforme TE, 254).

89. TE, 254: “O individual é o atractor do operador X. Como se exerce a atracção? A evidência concebe a inteligibilidade como uma passagem ao limite que reformula, no plano do pensamento, o irrecusável do existente. Cada uma destas operações acompanha-se de uma interrogação. *Aonde vai a existência buscar o seu alcance epistémico? [...] o que é que, do existente individual, se converte em evidência?*”; TE, 90 (a totalidade das páginas 90-117 é imperdível para a determinação do nexa filosofia transcendentalneurociências e para a naturalização da fenomenologia); *vide* também refs. da nota 11.

90. TE, 69; recorde o famoso e elegante, se bem que datado, legado de BATESON, 1980: propriedades emergentes, 119; passagens do menos ao mais, 123 ss, 175 ss; operações e conceito matemático de grupo, 173.

91. TE, 98. Sublinho que, FG di-lo peremptoriamente, não existe “verdade contingente *per se nota*” (o que parece poder exprimir que o *index veri et sui* terá de gerar um estado mental ou uma atitude proposicional palingénica, clonal: inatismo?, preformismo?) (cp. TE, 176 ss).

92. Que outra “coisa” ou factor imediato agencia a *mania*, a poética, o mito, o milagre, a possessão, a guerra, o fanatismo, a multidão, etc.? Os materiais recolhidos e as ideias de Elias Canetti em *Massas e Poder* acodem-nos imediatamente ao espírito.

93. A Inteligência Artificial (AI) e a robótica aí estão; LUMSDEN & WILSON, 1981/2005.

94. GIL, 1998 (in GIL e MACEDO, 1998, 39, 105 ss); FRASSEN, *cit.*, 82. Para um desafio (inusual nos filósofos analíticos) ao *naturalismo*: McGINN, 2004, 157.

95. GIL, 1998a, cap. 3; BATESON, 1980 (o analógico está para o digital assim como o numérico para o quantitativo, 123); MARQUES, 2011, 2016b (da pulsão de quantificar na era moderna e o absurdo).
96. GIL, 1999; FRASSEN, *cit.*: caps. 3 e 4 (nomeadamente as classes de imagem na p. 104).
97. ROTHBART (2007, 77 ss), autor que já tive ensejo de estudar (MARQUES, 2011).
98. GIL, 1998b, 184: “[...] do ponto de vista do fundamento, qual o estatuto dos dados do laboratório?”; o autor conclui que a praxis laboratorial exprime “actividades de fundação, já em acção na fixação do facto científico”. Porque, ao contrário do protocolo, o rastro desenhado pelos cientistas é inovador, legitimador e fundado, pois “[...] não está codificado em nenhum manual d’instruções e consiste no que é preciso fazer para satisfazer o espírito, cada vez que estão em questão a identificação e o reconhecimento: é então legítimo, nesta medida, falar de actividade de fundação [...]”.
99. GIL, 1998a, 53 n (também em *Análise*, 19, 1996, 204 ss).
100. Mas não a sua constituição e mapeamento estrutural e fisiológico. *Vide* o recente relato das pesquisas impressionantes de Stanislas Dehaene em *Consciousness and the Brain*, de 2014, e a proposta de MARTIN, 2008, ambos centrados na imagem e na imaginação como estado disposicional; registem-se, a propósito, as críticas de McGINN (1982, 71) às análises estritamente disposicionais dos estados e fenómenos mentais (contornando a “linha da frente” evidenciária e suas “equivalentes” fenomenológicas, experienciais, cognitivas, etc.), em especial a conclusão acerca da aquisição dos conceitos: “it takes the dispositional upshot of a mental state to exhaust the intrinsic nature of the state.”
101. TE, 69.
102. Lembro mais uma vez as neurociências cognitivas e a psicopatologia: *varia* de António Damásio e Ramachandran.
103. TE, 236.
104. E que eu chamaria operador *káirico*, com Daniel Stern e outros.
105. TE, 199ss.
106. Cp. TE, 222; EY, 1963, 75-110 e 89 ss (onde desenvolve amplamente a discussão da alucinação em “chave” fenomenológica); SMITH, 2012.
107. MARTIN, 2008, 148 (muitos neurocientistas defendem que David Marr e Tomaso Poggio responderam adequada e fundadamente a este quesito).
108. *Vide* MARTIN: “Espécimes frásicos ou os próprios espécimes do pensamento, mesmo um elevado número deles, não têm, como sabemos, tal/esse potencial expressivo dentro deles, digamos, e certamente tipos frásicos também o não têm, nem o tem um qualquer padrão de actividade eléctrica, quer num sistema consciente, quer num sistema não-consciente” (MARTIN, 2008, 148) (token = *espécime*, por oposição a *type* = tipo (cp. verbete *Atitudes proposicionais* – Enciclopédia de termos lógico-filosóficos, BRANQUINHO e MURCHO, 2001). Martin depois criticará a argumentação de Fodor contra a causação intencional e trata a alucinação (176 ss); vide CELLUCCI (2013) contra MARTIN (2008).
109. METZINGER, 2003, 508 ss; 2009, 122, 154; cp. MARQUES, 1990.
110. TE, 76, 219.
111. TE, 79 ss.
112. E permitem e favorecem a autoconfiança insolente de todos os despotismos que entre nós, imperdoavelmente, se aprendem demasiadas vezes no medo, na ocultação, na mentira, logo na escola e nos colectivos corrompidos e corruptores onde a ambição cala o escrúpulo e onde os fins tudo justificam.
113. O problema complexo da validação dos discursos de primeira pessoa (incluindo contra si mesmo). Daqui a importância da informação independente, do dissenso, do contraditório e... em determinadas e limitadas situações, a *inversão do ónus da prova* (como já existe na negligência

profissional e devia existir na corrupção política e no enriquecimento ilícito) – seria politicamente reabilitante, terapêutica.

114. TE, 228.

115. Esquecendo uma venerável máxima: “que a tua mão esquerda não saiba o que a mão direita...”

116. CARDOSO, 2003.

117. TE, 142 ss.

118. Cp. TE, 221.

119. GIL, 2000, 328, 335.

120. TE, 22.

121. Cf., a este respeito, a justa e severa reflexão de FLAHAULT (2002, 352 ss, 615).

122. TE, 261.

123. TE. Cp. MCGINN, 1982, 48, 67 – a sinceridade analisada a partir da anteriormente aludida “linguagem interior” ou “mentalês” (FODOR).

RESUMOS

Neste trabalho abordo a hipótese apresentada por Fernando Gil no *Tratado da Evidência*, da hegemonia de mecanismos alucinatorios nos processos evidenciários. Para avançar no seu estudo, mobilizo condutas elementares e fenómenos complexos, da sucção à vinculação e ao membro-fantasma. Estes fenómenos justificam uma leitura da alucinação a partir de um *momentum* ou “fase” que designo por evidência perimórfica; com maior brevidade, a propósito do processo de crença e do sistema percepção-linguagem, abordo a alucinação colectiva e o estado perifrástico da evidência. Tentativa e incipientemente, submeto estas ideias ao crivo de *realia* e *rebus* da história da medicina e da ciência e de modelos da imaginação. Faço minha uma interrogação do grande filósofo português acerca da mutação da evidência em lei, para terminar evocando o campo moral e a repugnância natural pelo sentimento do falso.

In this work I intend to make an introduction to the study of Fernando Gil's theory of self-evidence. I'll stress the hallucinatory nature of this operation, focusing on some evocative basic data, from suckling to the phantom pain. An evidentiary phase or *momentum*, here baptised as “peri-morphic”, is further projected on to the perception-language system. Some historical exemplary situations are treated and tentatively applied both to the medical and ethical fields.

ÍNDICE

Palavras-chave: evidência, operador, alucinação, rebus, mentalização

Keywords: self-evidence, operator, hallucination, rebus, mentalisation

AUTOR

MANUEL SILVÉRIO MARQUES

Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa, Portugal.

m.marques46@gmail.com

Médico hematologista aposentado. Doutoramento em Filosofia da Medicina (FML).

Presentemente é investigador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Foi membro do Gabinete de Filosofia do Conhecimento (1896-2006) e da redacção de *Análise* (Dir. Fernando Gil) e da Comissão Nacional de Ética para as Ciências da Vida (2002-2004). Participou em vários projectos de investigação, nomeadamente “José Pinto de Azeredo. Doutrina e Crítica. Textos e Contextos” (2012-2014) (três livros publicados, e um quarto em preparação) e “Medicina e Narrativa: (com)textos e práticas multidisciplinares” (2013-2015). Mais recentemente, tem publicado nas áreas de Filosofia e História da Medicina. Membro do Júri do Prémio Internacional de Filosofia da Ciência Fernando Gil.

Retired Hematologist at IPO. He holds a PhD in Philosophy of Medicine (FMUL). He is currently Researcher of the Center of Philosophy of the University of Lisbon. He was fellow of the Gabinete de Filosofia do Conhecimento (1896-2006), and of the editorial committee of the journal *Análise* (directed by Fernando Gil), and of the National Committee for Life Sciences (Comissão Nacional para as Ciências da Vida, 2002-2004). He has participated in several research projects, namely “José Pinto de Azeredo. Doctrine and criticism. Texts and contexts” (2013-2014) and “Narrative and medicine: (con)texts and multidisciplinary practices” (2013-2015). More recently, he has published in Philosophy and History of Medicine.